

ACTO DE DOAÇÃO DO  
ARQUIVO PARTICULAR DE ALFREDO PIMENTA

Alfredo Pimenta, escritor, político, historiador, poeta, homem de cultura, nasceu em 3 de Dezembro de 1882 na Casa de Penouços, freguesia de S. Mamede de Aldão, concelho de Guimarães, numa família de médios proprietários rurais. Fez os seus primeiros estudos em Braga e no Colégio do Beringel em Guimarães e aos dez anos perdeu Pai e Mãe. Sabe-se que começou a passar os seus tempos livres na Biblioteca da Família Meira de que um dos seus membros, o Dr. Joaquim de Meira pertencia ao Conselho de Família da sua orfandade. O que teria levado aquela criança quase adolescente a transportar os seus olhos para aquele horizonte de histórias e visões do mundo, a sua mente certamente inquieta à busca da concretização de si próprio e da explicação do que existe? Não sabemos; apenas sabemos que ao longo da sua vida, Alfredo Pimenta manteve a paixão de perceber o porquê, a razão das coisas para se encontrar e se definir. A obra que nos legou, a Biblioteca que formou e o arquivo que aqui nos reúne testemunham essa necessidade vital que, como homem activo que também mostrou ser, lhe exigiu o acordo do seu pensamento com o seu modo de viver. Esta coerência entre o seu modo de pensar e o seu modo de viver foi luta constante e difícil como podem imaginar aqueles que têm a noção da cilada constante que o social faz às consciências individuais. Perseverante, Alfredo Pimenta pôde um dia escrever esta frase arrepiante, síntese do seu empenho de coerência: *Em toda a minha vida se me pôs o dilema de ser vencido ou ser vendido – diferença de uma letra, mas diferença infinita. Escolhi o ser vencido e a Vida venceu-me.*

Terá sido esta a linha de conduta que o fez guardar, peça a peça, os testemunhos da sua inquietação intelectual e da sua actividade para resolver os problemas que a vida lhe pôs nos capítulos das ideias e do concreto do dia-a-dia. Não como mero colecionador de papéis, mas com o sentido de responsabilidade das suas opções na esfera das ideias e das suas decisões, Alfredo Pimenta foi formando o seu arquivo particular constituído, como foi anunciado, por dois corpos: as cartas que lhe foram enviadas de 1900 a 1950 e os manuscritos dos seus livros e artigos, além de recortes de jornais e documentação variada. Este conjunto, pela sua variedade, retrata uma época – a 1ª metade do século XX, uma sociedade e uma biografia a que se agregam em muitos aspectos várias outras, daqueles que se carteam com ele.

Na posse da nossa Família há cerca de um século, chegou a hora de o entregarmos a uma instituição condigna com vocação de guarda, no sentido amplo da palavra, e de capacidade de oferta ao estudo e divulgação daquilo que o compõe. Mas neste momento não podemos deixar de referir o desvelo infinito com que a filha mais nova de Alfredo Pimenta, Maria Gracinda Pimenta, tratou de toda esta documentação depois da morte do seu Pai ocorrida em 1950 até à sua própria em 1991 – portanto

durante 40 anos, em condições artesanais, sendo de espantar o estado de conservação em que se encontra. Evoco também neste momento as memórias dos outros dois filhos de Alfredo Pimenta, Maria Adozinda Pimenta de Sousa Monteiro e Alfredo Manoel Pimenta, meu Pai, sempre irmanados no culto e na amizade a seu Pai.

Várias foram as hipóteses que se nos foram pondo para a dádiva que hoje fazemos: o Arquivo Nacional da Torre do Tombo de que Alfredo Pimenta foi conservador e director, o Arquivo da Universidade de Coimbra em cuja faculdade de Direito se formou e onde, com 53 anos de idade, pronunciou uma famosa conferência sobre a sua biografia filosófica que intitulou a *Evolução de um Pensamento* e o Arquivo Municipal de Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta desde 1951.

A nossa escolha recaiu neste último por várias razões, entre as quais, destacamos:

1º - Porque Alfredo Pimenta foi um devotado vimaranense que nunca esqueceu a cidade em que nasceu e a prova disso está patente nas inúmeras páginas líricas em que a evoca, nos numerosos estudos históricos que lhe dedica, nas conferências que deu, a convite das instituições de cultura de Guimarães, entre as quais se conta a Sociedade Martins Sarmento sob a presidência do dr. Eduardo de Almeida, nos jornais e revistas em que colaborou e na intervenção que teve junto das esferas políticas e administrativas para resolver assuntos de carácter local, entre as quais podemos nomear não apenas o próprio Arquivo Municipal que, pela sua criação e pelo seu primeiro director, tem a categoria de distrital, bem como o Museu de Alberto Sampaio, cujo director se socorreu da sua influência para obviar aos vários trâmites da sua organização, como, anos depois, aconteceu quando o então Presidente da Câmara, sr. João Martins da Costa Aldão, nosso querido amigo, encetou, em plena 2ª Guerra Mundial, a obra de ampliação da rede pública de distribuição de água na cidade de Guimarães.

Em 2º lugar, porque nós, a sua Família, acompanhamos com atenção os critérios das diferentes entidades públicas administrativas e culturais vimaranenses para promover a cidade, tornando-a um centro de desenvolvimento. Assistimos à actividade de modernidade do Exmº sr. dr. António Magalhães, ilustre Presidente da Câmara Municipal e da Senhora Vereadora da Cultura, drª Francisca Abreu, numa política concertada com a Exmª vereação da Câmara para o progresso da cidade onde se integra o alcançado estatuto de Património da Humanidade; acompanhamos o empenho interessado da srª directora do Arquivo, dr.ª Teresa Malheiro, cuidando deste repositório de memórias, finalmente magnificamente instalado; o dinamismo da dr.ª Isabel Fernandes que dá cor à cidade de Guimarães com as suas actividades no Museu de Alberto Sampaio, o impulso imprimido à Sociedade Martins Sarmento pelo infelizmente já falecido dr. Santos Simões e continuado na firmeza com que o dr. Amaro das Neves a dirige, bem como a acção desenvolvida pela Universidade do

Minho no polo de Guimarães e pela Colegiada e outras congregações e associações públicas e privadas em diligentes actividades pedagógicas e fraternas; lembramos os ilustres directores e corpo de redactores dos *Notícias de Guimarães* e *Comércio de Guimarães* para apenas nomear dois jornais que não tornem a lista demasiado longa, e a presença durante tantos anos da *Revista de Gil Vicente*, não esquecendo, – peça de relevo – os livreiros e os artistas que tornam a cidade de Guimarães aprazível e apetecível pelo dinamismo e brio que revela. Até os seus jardins são de encantar! Este contexto humano e intelectual, compraz-nos que seja enriquecido pela doação que agora fazemos. Temos a certeza que o espólio que entregamos fica bem enquadrado.

Com efeito, este espólio, na sua componente epistolar, constituído por cerca de 20 mil peças e cerca de dois mil emissários, caracteriza-se pela sua vitalidade. Nele estão expressas ideias, emoções, dúvidas, sentimentos, discussões, convergências, interrogações e informação que abrangem um espectro amplo de problemas culturais, políticos, sociais e humanos. Não são apenas eminentes personalidades nacionais e estrangeiras, como estadistas, filósofos, professores catedráticos, diplomatas, literatos, alto clero, os protagonistas desta correspondência para Alfredo Pimenta, também os caseiros das suas pequenas propriedades nos arredores de Guimarães comentando o andamento das fainas agrícolas e gente anónima em busca de melhoria de situação, valendo-se do acolhimento empático de Alfredo Pimenta para as dificuldades da vida, são autores de inúmeras cartas em que se nota a sempre resposta. E que dizer então das cartas dos professores e padres e outro religiosos que, espalhados pelos quatro cantos do mundo português lhe escreviam contando que os seus livros e artigos ajudavam a derrotar a solidão intelectual em que se encontravam, lhes abriam horizontes pela notícia do que na cultura se ia processando e a gente espanta-se da enorme rede de comunicação que Alfredo Pimenta foi espalhando com a sua pena de pato escrevendo nos singelos linguados de papel que sempre usou!...

Esta vitalidade não podia ser assassinada pela dispersão em leilões ou alfarrabistas; tinha de ser perseverada.

Ao entregar este conjunto ao Arquivo Municipal, pensa a família de Alfredo Pimenta por mim aqui representada, prestar um serviço à cidade de Guimarães, na senda do exemplo do nosso Avô, Bisavô e Trisavô, cuja vida teve, entre outros ideais, a ideia do serviço à comunidade; serviço também como contributo para o esclarecimento que a História dá aos presentes que somos os futuro do passado; como ciência, a História é feita das perguntas que cada geração que se levante faz ao passado; com ela avaliamos os problemas que se viveram e as soluções escolhidas; o estudo do passado não serve para imitações; serve pela actualização com que é focado para apreendermos de forma sistemática a longa cadeia das experiências deste caminhar dos homens no tempo e no espaço; fecunda a nossa percepção da vida. Ao

confiarmos este espólio temos a certeza que o Arquivo Municipal Alfredo Pimenta sabe oferecer aos estudiosos que o frequentam as condições para que o tempo presente se esclareça sobre o seu próprio devir. A construção do Futuro exige a consciência da conexão das escolhas que, sem o estudo e a responsabilidade, não se esvai como espuma na areia, mas provoca a dor, o sofrimento, o desperdício. A vida humana pessoal, elemento da sociedade, é uma questão de ética, um afazer moral ou imoral – ou se fica no auto-comprazimento limitado e egotista ou se lha dá um sentido de transcendência responsável. Foi este o caso do autor deste arquivo que agora aqui se entrega.

A doação deste bem pertencente à nossa Família traduz os ensinamentos que também recebemos do nosso Avô e que, como se demonstra encontram correspondência na ilustre Câmara Municipal de Guimarães.

*Maria Teresa Pimenta*

Palavras proferidas em Sessão Pública  
no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta  
15 de Dezembro de 2005